

# O TERREIRO OBÁ OGUNTÉ E ILÊ AXÉ OYÁ MEGUÊ: MODERNIDADE E TRADIÇÃO.

Nadijja Carmo Domingos da Silva<sup>1</sup>.  
Jéssica Silvestre de Lira Oliveira<sup>2</sup>.

## RESUMO:

Esta pesquisa histórica pretende analisar o Terreiro Obá Ogunté e o Terreiro *Ilê Axé Oyá Meguê* cujas histórias durante muito tempo foi repassada pela tradição oral. Pretende-se então, destacar até que ponto os processos de reafricanização, anti-sincretismo, intelectualização dos sacerdotes e sacerdotisas discutidos em outros estados brasileiros, têm repercussão no Recife e por fim, investigar as dinâmicas destes processos nos eventos que acontecem nesses dois Terreiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** reafricanização, religiões afro-brasileiro, cultura, tradição, sincretismo.

Inicialmente gostaríamos de explicar o porquê da utilização do termo Nordeste Oriental<sup>3</sup>, este conceito parte da relação entre as diferentes classes de poder (econômico, político e cultural), que compreendem a parte oriental da Região Nordeste, em especial os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Nesse sentido o termo, Nordeste Oriental procura rediscutir a religiosidade popular e suas expressões culturais, nesses estados e os seus aspectos relacionados, pois se aproximam historicamente no seu âmbito social e cultural.

Consoante a isso, ao se discutir as religiões afro-brasileiras, pode-se notar antes da formulação do termo Nordeste Oriental a construção de uma identidade social negra que mescla elementos africanos e portugueses, vindos para o Brasil:

[...] A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro e nunca uma intransponível e dura barreira. [...] A liberdade do escravo de

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC pela mesma instituição – sobre o projeto RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORDESTE ORIENTAL DO BRASIL: os afro-brasileiros e a modernização. [nadijjacarmo@yahoo.com.br](mailto:nadijjacarmo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco e bolsista PIBIC voluntária pela mesma instituição – UNICAP – sobre o projeto RELIGIOSIDADE POPULAR E PODER NO NORDESTE ORIENTAL DO BRASIL: tradição e resistência. [jessicasilvestre07@gmail.com](mailto:jessicasilvestre07@gmail.com).

<sup>3</sup> Esse conceito tem um fundamento econômico e foi criado pela economista Tânia Bacelar de Araújo.

conservar e até de ostentar em festas públicas [...] formas e acessórios de sua mítica, de sua cultura fetichista e totêmica, dá bem uma idéia do processo de aproximação das duas culturas no Brasil. (FREYRE, 1946, P.586-588)

A religião dos afro-descendentes, surge no Brasil com o tráfico de escravos. É importante destacar que os escravos que para aqui vieram foram misturados, de modo que não pudessem se organizar socialmente aos moldes africanos<sup>4</sup>, é nesse contexto que, para não perder sua identidade se unem em torno de uma cultura parecida e mais próxima a sua, sofrendo um longo processo de redescrição. Processo que Stuart Hall chama de tradução.

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo a várias “casas”. (2006, p. 88-89)

E é com o advento da colonização que ocorreu o sincretismo<sup>5</sup> e desta forma nasceu o Candomblé, na Bahia e o Xangô em Pernambuco. O Xangô é caracterizado como o culto dos santos – os Orixás, e dos ancestrais – os Eguns.

Os Xangôs pernambucanos, geralmente são considerados como tradicionais. Deste modo, no presente estudo procuramos, através de uma literatura especializada na temática religiosa afro-brasileira, analisar a produção bibliográfica acerca do processo de reafrikanização no Brasil, destacando até que ponto os processos de reafrikanização, anti-sincretismo, intelectualização dos sacerdotes e sacerdotisas discutidos em outros estados brasileiros, têm repercussão no Recife. E por fim, observar a dinâmica destes processos nos eventos dos Terreiros Obá Ogunté e *Ilê Axé Oyá Meguê*, para podermos

---

<sup>4</sup> “Nesse confronto de valores lusobrasileiros e afrobrasileiros pode-se inscrever o sincretismo, não como uma fusão de elementos diferenciados, mas sim como uma criação, uma construção do novo.” (SIQUEIRA, 2009, p. 7)

<sup>5</sup> Segundo Ferretti (2007), atualmente alguns autores vêm utilizando o termo hibridismo cultural em supressão do termo sincretismo. “Embora não se restrinja ao campo da religião, abrangendo também toda a cultura, tem sido mais debatido no âmbito da religião.” (FERRETTI, 2007, p. 1) Acredito que o sincretismo surge como uma tentativa de ajustamento na qual ocorre uma aculturação, reinterpretando-se frente à nova realidade que lhe é imposta.

verificar até que ponto está ocorrendo o processo de modernização e em que medida as tradições ainda estão sendo preservadas.

A escolha desses dois terreiros, ocorreu em observância, de serem os mais tradicionais terreiros de Xangô de Pernambuco, que estão em pleno funcionamento, somando-se a isso por estarem em constante articulação tanto internamente como externamente.

O Terreiro Obá Ogunté é considerado a casa matriz do Xangô pernambucano “como casa matriz, o Terreiro formou e repassou conhecimentos a diversos terreiros da cidade”. (PEREIRA, 1994, p.10) Mais conhecido como Sítio do Pai Adão, ou simplesmente Sítio, recebeu esse nome graças ao babalorixá Felipe Sabino da Costa – o Pai Adão. O Sítio é destinado ao culto dos Orixás e dos Eguns, fundamentado na tradição Nagô e, é consagrado à Yemanjá.

Já o Terreiro Ilê Axé Oyá Meguê, mais conhecido como Terreiro Santa Bárbara ou simplesmente Terreiro Xambá recebeu esta designação somente em 2010. Vale a pena destacar que muitos autores como Prandi e Cacciatore proclamaram a extinção da Tradição Xambá, pois nem o próprio grupo se reconhecia como tal.

Culto em extinção, mesclado de elementos bantos (muxicongos) e indígenas, tendo atualmente poucos terreiros no Nordeste (principalmente na Paraíba, Pernambuco e Alagoas). Tribo da fronteira da Nigéria com Camerum (Cacciatore, 1977, p.263 *apud* Guerra, 2010, p. 64)

Segundo COSTA (2009), a tentativa de Hildo Leal da Rosa e João Monteiro de recriar uma "identidade", tornou possível uma identificação étnica e religiosa próxima as características africanas. O entrave foi justamente o meio acadêmico, as palavras de Cacciatore pesaram na estima dos dois no terreiro, a mudança inicial seria na entrada do Memorial, em que seria colocada uma placa elaborada pelo próprio Hildo Leal com os dizeres: Sociedade Santa Bárbara, até o Babalorixá da casa perguntar a razão de não ser inserido *Ilê Axé Oyá Meguê*, pouco tempo depois ele viu a inserção desta placa em Iorubá, aos poucos as mudanças foram ocorrendo.

A partir daí faremos uma pequena síntese da história desses dois terreiros. É necessário deixar claro que como a religião dos afro descendentes é repassada pela oralidade não existe uma precisão documental, pois como Dantas (1988 *apud* GUERRA, 2008, P. 6) afirmou a oralidade faz com que sejam feitos recortes, em que parte da história é propositalmente esquecida e outra é demasiadamente acionada, de acordo com os interesses do grupo.

Acridita-se que o Culto Xambá, é uma tradição religiosa que foi trazida para Pernambuco, por volta da década de 1920, pelo Babalorixá Artur Rosendo<sup>6</sup>, que fugindo do “Quebra”<sup>7</sup> religioso na cidade de Alagoas, instala-se na cidade do Recife. Em 1927 inicia no culto Maria das Dores da Silva (Maria Oyá), esta em 1930 inauguraría sua casa no bairro de Campo Grande. Uma repressão policial do Estado Novo fecha a sua casa em 1938, fazendo com que a Grande Mãe entrasse em depressão e morresse no ano seguinte. Com o seu falecimento a casa Xambá passará aos cuidados de Severina Paraíso da Silva (Mãe Biu), causando muitas insatisfações, em alguns grupos da casa, durante os anos em que ficaram separados.

Assume o comando da Casa e nesse ínterim muitos filhos e filhas de santo se afastam insatisfeitos com a escolha da nova líder. Severina Paraíso recebia naquele momento a responsabilidade de manter o terreiro funcionando e o reabre, em 1950, na estrada do Cumbe, 1012, bairro de Santa Clara, no Recife. Ao lado de Mãe Tila, mãe pequena da Xambá, Mãe Biu, durante os 12 anos de “diáspora” sofrida pelo povo Xambá, deu início ao processo de consolidação do terreiro. (ALVES, 2007, p. 52- 53).

Mãe Biu, foi a grande matriarca da Nação Xambá, ajudando a comunidade em que vive e atuando financeiramente. Segundo Lima (2003 *apud* COSTA, 2007, p.3) “a família-de-santo, em suas formas de estruturação e organização, enquanto grupo religioso liderado pela mãe ou pai-de-santo, ajuda seus filhos-de-santo, parentes e agregados também financeiramente, dando-lhes abrigo”.

Desta forma, voltando para a formação do terreiro e a sua manutenção com Mãe Biu, após a morte de Artur Rosendo, podemos notar que a mudança no endereço foi necessária, pois se mesclava o interesse por uma localidade própria, que abrangesse todos ou pelo menos boa parte dos integrantes do terreiro. A partir desse momento de mudança de espaço físico, é possível o primeiro contato com a resposta a qual esta pesquisa pretende responder: a relação entre tradição e uso das ferramentas da modernidade.

O Terreiro Santa Bárbara – Xambá, ao reabrir suas portas, após 12 anos, fechadas pela repressão policial na interventoria de Agamenon Magalhães, utilizou-se das tecnologias que chegavam com a modernização, como a máquina fotográfica que estava se popularizando na época. Com, ela registrou a celebração da conquista da nova sede, em endereço novo. (COSTA, 2009, p.64 *apud* GUERRA, 2010, p.53)

<sup>6</sup> Rosendo teria aprendido o culto em um mercado de Dakar no Senegal.

<sup>7</sup> Ocorrido no Estado de Alagoas, por volta do ano de 1912, ‘o Quebra’ foi uma operação militar, em que muitos terreiros foram fechados e destruídos.

Com o falecimento de Mãe Biu, as obrigações de Yalorixá são passadas para Mãe Tila<sup>8</sup>, ao lado do Babalorixá da casa Pai Ivo<sup>9</sup>, o filho de Mãe Biu, os mesmos continuaram preservando as tradições religiosas, porém alguns costumes foram modificados. Segundo Guitinho (ALVES, 2007. p.78) muitos costumes dentro dos Terreiros, assim como em qualquer outra religião, são implantados pelas pessoas que comandam (Yalorixás e Babalorixás), geralmente esses costumes, correspondem ao que convém a essas pessoas. A hierarquia atual da casa apresenta Tia Lourdes<sup>10</sup>, sendo a quarta Yalorixá, juntamente com Pai Ivo.

Em contrapartida, a história do Terreiro Obá Ogunté, segundo Lima (2010), remonta a sua fundadora Ifatinunké, proveniente de Abeokuta, que veio em companhia de Otolu, proveniente de Oyó, ambos na Nigéria. Ao chegar no Brasil recebe o nome de Inês Joaquina da Costa – Tia Inês. Por volta de 1860 e 1870 ela funda o Sítio. “Assim conta os mais velhos... Com Otolu, chega ‘Xangô’<sup>11</sup>, o mito-fundador de Oyó e divindade de todo Império Ioruba, e, com Ifatinunké, Iemanjá, a divindade-mãe do povo egbá, ‘Yemoja’, a mãe dos peixes.” (LIMA, 2010, p. 63) Ao que tudo indica Adão era um de seus filhos de santo, sabe-se que ele foi à África, em 1906, e que passou anos em Lagos. Em 1919, falece Tia Inês e Adão assume a liderança do terreiro.

"O relacionamento de Inês com Felipe Sabino da Costa também é confuso, e não se sabe exatamente porque foi ele que herdou o terreiro de Inês. Valfrido também insinua que eles eram mais que bons amigos. Esta sabedora de sua viagem à Nigéria, achou-o mais qualificado para herdar a liderança religiosa do terreiro. Há uma outra versão segundo a qual Adão a trouxe consigo da Nigéria e que a mesma logo alçou vôo por si só, fundando o terreiro mas sem romper completamente o seu relacionamento com Adão, a quem legou a casa. Uma outra história é de que ele teria rompido a linha sucessória que caberia a Joana Batista e usurpado o terreiro alegando ser uma ordem dos Orixás." (BRANDÃO,1986 *apud* PEREIRA, 1994, p. 35 – 36)

Pai Adão, faleceu em 26 de março de 1936. Assumindo a liderança um de seus cinco filhos, José Romão, com a morte deste inicia-se uma disputa entre Malaquias, outro de seus filhos, e Manuel Nascimento da Costa – o Manuel Papai – filho de José Romão e neto de Adão. Disputa esta que só será resolvida em favor de

<sup>8</sup> Donatila Paraíso da Silva faleceu no ano de 2003. Foi iniciada em 1932 e tornou-se a dirigente do Terreiro, com a Morte de Mãe Biu, sua irmã de sangue.

<sup>9</sup> Adeildo Paraíso da Silva (Ivo de Xambá).

<sup>10</sup> Maria de Lourdes da Silva, irmã de Mãe Biu e Mãe Tila

<sup>11</sup> Posteriormente o culto passou a se designar Xangô. “E aqui em Pernambuco e parte de outros Estados do Nordeste, as casas eram chamadas de Xangô, embora a gente saiba que Xangô é apenas mais um dos Orixás, mas extremamente popular tanto que o Orixá terminou dando o nome ao próprio culto.” (MANOEL PAPAÍ, 2010)

Manuel Papai, devido a morte de Malaquias. Chamo a atenção para o fato que todos os Babalorixás que assumiram após a morte de Adão serem membros de sua família profana; em contrapartida, as mães de santo que assumiram a liderança, após a morte de Tia Inês serem membros de sua família sagrada<sup>12</sup>.

"Desse modo, organizando-se internamente por princípios que privilegiam a ascendência africana reconhecida, a supostamente nagôs assume uma grande importância para os integrantes do terreiro. Através dela constitui-se o núcleo do grupo de culto aquele que será freqüentemente invocado para atestar sua continuidade com a África..." (DANTAS, 1988 *apud* PEREIRA, 1994, p. 69)

Como já foi dito em 1906, Adão viajou para Lagos, com objetivo de fortalecer suas raízes e tradições<sup>13</sup>, especialmente sua língua nativa o Yorubá, que lhe permitiu o aperfeiçoamento da liturgia do culto. De volta para o Recife Pai Adão conquistou bastante respeito e consideração no meio religioso: "Nessa religião onde tudo é volta, ou diz ser volta, o retorno à África é a volta fundamental, é a fonte e a origem de toda a religião verdadeira". (BRANDÃO; MOTA, 2002, p.60)

Para este artigo foram realizadas três entrevistas<sup>14</sup> com o objetivo de estabelecer relação entre os discursos empreendidos por alguns autores e a realidade vivida dentro dos terreiros. Como procedimento metodológico, essas entrevistas primeiramente foram transcritas na íntegra, para posteriormente serem organizadas em blocos temáticos com a finalidade de produzir um texto escrito a partir de cada uma das transcrições orais.

O Sítio ainda é dirigido por Manoel Nascimento da Costa, que em uma entrevista<sup>15</sup> concedida a CAMPOS em 13 de Janeiro de 2010, ele fala sobre a dinâmica do Sítio e do culto aos Orixás em Pernambuco. Através de pesquisas o Babalorixá vem diagnosticando problemas que as comunidades de Terreiro enfrentam. Em uma pesquisa realizada juntamente com a Fundação Palmares foi constatado que de cem terreiros apenas cinco pessoas tinham passado por uma universidade e que não possuíam nenhum documento de sua conclusão. Para reverter esse quadro, ele trabalha em convênio com a AESO (Faculdades Integradas Barros Melo localizada na cidade de Olinda-PE) na qual a instituição possui um programa intitulado Bolsas para Comunidades de Terreiro que disponibiliza anualmente dez bolsas para ensino superior. O programa já existe há três anos e conta com um ambiente de trabalho estruturado e bastante receptivo por parte da

<sup>12</sup> Família profana no sentido de laços consangüíneos e família sagrada no sentido de laços desenvolvidos a partir da estrutura religiosa.

<sup>13</sup> Ou o que restou delas, vale ressaltar que nesse momento a própria África se encontra partilhada.

<sup>14</sup> Para cada uma destas entrevistas uma das autoras estava presente auxiliando Campos.

<sup>15</sup> As entrevistas foram autorizadas para a divulgação.

direção da AESO. Além disso, o Sítio participa do projeto Associação de Amigos do Museu da Abolição, em que o Babalorixá é o presidente, e da ABICABEPE – Associação dos Babalorixás e Ialorixás dos Cultos Afrobrasileiros do Estado de Pernambuco.

Através de um convênio com a Prefeitura o Sítio faz parte do roteiro turístico da cidade do Recife, o que acaba por gerar uma renda com a venda de produtos<sup>16</sup>, e ainda são oferecidos cursos como corte e costura, serigrafia, estamparia.

Tem gente fazendo estamparia nos terreiros, fazendo estamparias nas roupas de terreiros, o iaô vai sair, você chega lá, tá com a roupa estampada com os símbolos dos orixás feito por eles. Além de ter dinheiro, é a valorização da arte afro, não é? Por que eles estão lá trabalhando... Nós temos, uma feira, uma cesta básica mensalmente “pras” comunidades carentes, mas, nós temos esses cursos. Esse primeiro curso foi dado pelo Ministério da Cultura, foi uma maravilha. Esse segundo, agora, vai ser dado pelo governo do estado. A gente tem máquina de costura, a gente tem computadores, a gente tem ventiladores, a gente tem uma série de coisas doada pelo governo. Quer dizer, esse foi o trabalho social que eu sonhava e que começou, ele só tem vinte por cento de evolução, e que começou e que, realmente, tem dado uma, o governo Eduardo. (MANOEL PAPAI, 2010)

O Babalorixá também faz parte do CEDES (Conselho de Desenvolvimento Social e Econômico do Governo do Estado). “Eu represento a comunidade afrodescendente. E, assim, tudo o que se faz hoje é em prol da comunidade.”(MANOEL PAPAI, 2010) Diante disso o Babalorixá vem voltando sua atenção para uma interação mais ampla do povo de Terreiro com a sociedade:

O meu objetivo era socializar, tentar socializar... O povo de terreiro, que também não preciso dizer a você a condição social... A maneira de ser tratado..., a recepção. Essa coisa toda de não saber receber. O recebimento era tia mãezinha lhe tratando bem, era a gente lhe tratando bem... Mas, o resto da comunidade não tinha nem como chegar perto de você, porque você era uma professora, porque era uma branca, porque você era uma aluna. (Manoel Papai, 2010)

Conhecido pelas tentativas de modernização do espaço físico do Terreiro, o pai de santo conseguiu recuperar a capela na qual pretende transformar em um museu com a exposição “As relíquias sagradas dos Xangôs do Recife” e construir um salão para exposição didática que contará com uma cartilha produzida pela própria comunidade. “Então, quem chega de fora vai pra lá, visita, a gente tem um espaço bonito agora que a

---

<sup>16</sup> A AESO ainda disponibiliza de assistência jurídica e administrativa para auxiliar esses grupos em suas atividades empreendedoras.

gente tá com pedra de... portuguesa. A capela foi recuperada”.( MANOEL PAPAI, 2010)

Muito diferentemente ao Sítio do Pai Adão que possuía uma identidade que remonta aos tempos de Adão; o Terreiro Santa Bárbara, antes da morte de Severina Paraíso da Silva, era conhecido como Xangô de Mãe Bui, tanto pela comunidade quanto pelos frequentadores e visitantes do terreiro. Portanto denominá-lo ou (re) descrevê-lo como Nação e/ou Culto Xambá é recente e também uma forma de reestruturação e reafirmação<sup>17</sup>.

Sobre este processo, podemos analisar que as religiões afro-brasileiras ainda sofrem uma forte influência de outras religiões, principalmente do Catolicismo. Segundo Alves (2007) o sincretismo religioso ainda é tão forte que mesmo com a liberdade de crenças, assegurada pela constituição de 1946, a maioria dos Terreiros mantém imagens de santos católicos em suas dependências. Já Barroca(2010), chega a conclusão que os discursos revelam, em alguns casos que não é o sincretismo mas, com qual sistema religioso se faz o sincretismo. Na maioria dos casos a religião católica é vista como uma espécie de destruidora da fé dos afrodescendentes.

Desta forma, ao contrário do que Prandi e Cacciatore acreditavam, a comunidade vem demonstrando, através de projetos que busquem uma maior visibilidade cultural, grande preocupação com a sua preservação, e re-memorização da matriarca, Severina Paraíso da Silva.

O que se pretendemos mostrar aqui é, redescobrir a sua origem, surgiu à vontade do Povo Xambá de mostrar a sua cultura e não a extinção da mesma. Durante 9 anos (1993-2002), após a morte de Severina Paraíso da Silva, os participantes ativos do Terreiro foram atrás de ajuda financeira em órgãos de fomento<sup>18</sup>. Como não conseguiram, em 2002, construíram o Memorial Severina Paraíso da Silva com recursos próprios. Isto mostra a união e força de vontade em disseminar a sua cultura. Segundo Hildo Leal da Rosa, em entrevista a Campos em 24 de janeiro de 2010, com a sucessão de Mãe Bui e a criação do Memorial a Nação Xambá passa a aparecer com um maior destaque na mídia.

Atualmente o Terreiro Xambá é dirigido por Pai Ivo que em entrevista concedida a Campos em 24 de janeiro de 2010 afirma:

---

<sup>17</sup> Caracteriza-se como uma consciência afro-brasileira, recente e a vontade de voltar as raízes dos seus ancestrais.

A partir do momento... uma vez Hildo Leal, que é meu historiador, aí pergunto a mim: ‘meu Pai por que você não se junta com eu, João Monteiro e Antônio Albino pra construir o Memorial?’ Eu gosto muito de filme de ficção, quando eu vejo aquele filme ‘os caçadores da Arca Perdida’, com o Indiana Jones, com a cena daquele Arqueólogo Francês quando ele bate na Arca e diz: ‘Nós passamos pela História, aqui é a História’ e a gente pega aqui e diz: ‘as pessoas quando vêm para o Candomblé, elas vêm só pra ver a questão religiosa’. É o tipo da coisa, você é obrigado a respeitar a minha religião, mas não acreditar, então a partir do momento, que você cria o Memorial, você sai da questão religiosa e entra na questão histórica. Então você vai atrair pesquisadores, Antropólogos, Sociólogos e pessoas do povo, mesmo independente da cor, do ato religioso ou não. Então, a visão de quando fazer o Memorial, ele deu as pessoas a questão da história das mulheres, vivemos num período hoje, que existe uma grande questão de preconceito contra as mulheres, mesmo com a lei Maria da Penha, temos intermináveis casos de violência contra a mulher. Se você analisar, que há mais de 50 anos atrás, as mulheres negras conseguiram criar um patrimônio, que nós "tamo" levando para a frente, eu acho que é, uma atitude importante a gente colocar um Memorial e mostrar pra sociedade.(ADEÍLDO P. DA SILVA, 2010)

Durante essa entrevista, Pai Ivo demonstra o orgulho da criação do Memorial, em homenagem a sua mãe, mostrando a importância das lideranças femininas para a contribuição da história do Terreiro. Além disso, quando questionado sobre a importância do Terreiro ter se tornado um Ponto de Cultura em 2004, ele explica que o Terreiro conseguiu se tornar um Ponto de Cultura, pois se preocupa com as questões sociais. Ao ser realizado qualquer projeto social a pessoa que está se beneficiando não é questionada a respeito da sua religião, ou seja, busca-se apenas o bem-estar social e não a conversão em massa da comunidade, muitas pessoas que moram próximo ao terreiro, pertence à outra religião.

Para o Terreiro Santa Bárbara, chegar a ser um Ponto de Cultura foi necessário se inscrever no processo seletivo realizado pelo Ministério da Cultura. O projeto teve o apoio do Arquivo Público Estadual João Emerenciano e ao ser selecionado, recebeu uma verba que garantiria a manutenção do Memorial, como também a digitalização e a capacitação de jovens para os cuidados do acervo. (GUERRA, 2010, p.69)

Olhe, ponto de cultura tem dois capítulos diferentes. Quando o governo federal, através da Fundação Cultural Palmares, lança essa, esse programa dos pontos de cultura a gente concorre ao primeiro edital. Na época, é, a gente não estava preparado para gerir, administrar um ponto de cultura, porque tem questões financeiras também envolvidas. Então, nós fomos o alvo do ponto de cultura, ou

---

<sup>18</sup> Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

seja, o ponto de cultura era o memorial, mas a administração desse ponto era de uma outra entidade. E a meio do caminho essa entidade ou algumas pessoas dessa instituição que dirigia o ponto de cultura cometeu alguns, como é que eu diria, não, vou resumir, des, fez um desfalque nessa verba que ia pro ponto de cultura e a coisa terminou afundando. O ponto de cultura deixou de existir, deixou de funcionar. (HILDO LEAL, 2010)

Segundo Guerra (2010), após uma "briga" especialmente entre os Pontos de Cultura de Olinda, muitos deles começaram a questionar a legitimidade dos projetos. Uma reunião foi feita no Portão do Gelo e dessa maneira no ano de 2008, o Grupo Bongar representante do Ponto de Cultura Mãe Biu, passou a liderar a Rede dos Pontos de Cultura da cidade de Olinda/PE. Nada mais justo, já que o Grupo Bongar além do Coco divulga ainda o Maracatu e a Ciranda, devido as influências musicais das Religiões Afro-brasileiras e da diversidade nos toques religiosos da Nação Xambá.

Após Ponto de Cultura o Terreiro Santa Bárbara recebe uma surpresa e no ano de 2006 é reconhecido como Quilombo Urbano. Hildo Leal (2010) explica que para o Terreiro Santa Bárbara ser reconhecido como Quilombo Urbano a comunidade teve que se reconhecer como tal.

Primeiro, a comunidade tem que se reconhecer como tal. Então, a gente conta, faz um resumo da nossa história e nos reconhecemos dentro desse padrão. É claro que a gente sabe que o quilombo clássico é aquele que foi formado na época da escravidão, fuga de escravos. Não é o nosso caso. Como também não é caso do Rio de Janeiro nem do Rio Grande do Sul. Porque hoje a Fundação Cultural Palmares e o Ministério da Cultura vê o quilombo de uma forma mais ampla... (HILDO LEAL, 2010)

Dessa maneira, o Terreiro Santa Bárbara – Xambá agora Ilê Axé Oyá Meguê, possui ainda uma forte presença do sincretismo. Porém, a sua reafrikanização está ocorrendo e o ano de 2000 foi marcante para esse processo, com a criação da Cartilha Xambá e posteriormente o Memorial Severina Paraíso da Silva, com um vasto acervo de fotos, mapas, roupas, entre outros elementos que pertenceram a Yalorixá que emprestou o nome ao Memorial.

Sendo assim, a importância atribuída foi tanta que o Terreiro virou Ponto de Cultura e posteriormente tornou-se Quilombo Urbano e a escrita e imagem, agora se inserem a História Oral do Terreiro. O mesmo possui uma equipe de informática para divulgação dos eventos liderada por Paulinho de Oxum, sem falar no seu maior legitimador através da música, o Grupo Bongar. Além de um *website*, duas comunidades do *ORKUT*, sobre o Grupo Bongar e um perfil no micro-blog *Twitter*.

Nota-se então que a netnografia<sup>19</sup> é um campo de pesquisa necessário para o entendimento da Nação Xambá e uma forma de entender que a tradição e modernidade podem andar juntas.

Deste modo, podemos concluir que devido às exigências do mundo globalizado, se faz necessário, cada vez mais, que os terreiros busquem uma maior interação com a sociedade, para um duplo movimento em que a sociedade entra no terreiro e o valoriza como uma manifestação histórica de uma cultura que conseguiu manter suas tradições apesar da diáspora e, o movimento em que o terreiro saí para a sociedade e eleva toda a sua cultura e tradição de forma a enriquecer e até mesmo valorizar a cultura popular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, Marileide. **Nação Xambá: do terreiro aos palcos**. Olinda: Ed. Do Autor, 2007.

BRANDÃO, Maria do Carmo; MOTA, Roberto. **Adão e Badia: carisma e tradição no Xangô de Pernambuco**. In: Caminho das Almas: memória afro-brasileira/ Vagner Gonçalves da Silva [ organizador ]. – São Paulo: Summus, 2002.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.

COSTA, Valéria Gomes da. **Nação Xambá: memória, configuração familiar e territorialização de espaços**. Caminhos (UCG), v. 5, p. 53-80, 2007.

\_\_\_\_\_. **É do dendê!: História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992)**. São Paulo: Annablume, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERRETTI, Sergio Figueiredo. **Sincretismo e religião na Festa do Divino**. Revista Antropológicas, v. 18, 2007. Disponível em: <  
<http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Sincretismo%20a%20Festa%20do%20Divino.pdf>> Acesso em: 10 de nov de 2009.

FREYRE, Gilberto. 1946. Casa grande & senzala. 6a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

GUERRA, Lúcia Helena Barbosa . **"Deixe longe o mal olhado. O meu Coco é muito bom, digno de ser invejado"**. In: ENECULT - V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Salvador. V ENECULT - Quinto encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009.

---

<sup>19</sup> Campo de pesquisa que utiliza a internet como fonte.

\_\_\_\_\_. **Xangô Rezado Baixo, Xambá Tocando Alto:** A reprodução da tradição religiosa através da música. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. **OLÚDÁNDÈ:** Estudo da Normatização na Estrutura de Poder das Casas-matrizes Iorubás, no Recife e em Salvador. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jeje-nagôs da Bahia:** um estudo das relações intra-grupais. 2. ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LODY, Raul Giovanni da Motta. **Candomblé:** Religião e resistência cultural. 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PEREIRA, Zuleica Dantas. **O Terreiro Obá Ogunté:** parentesco, sucessão e poder. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo:** a velha magia na metrópole nova. São Paulo, Hucitec, 1991.

SILVA, Luiz Claudio Barroca da. **"SANTO NÃO É ORIXÁ":** um estudo do discurso anti-sincretismo em integrantes de religiões de matriz africana. 2010. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

**Terreiro de Santa Bárbara – Xambá.** Disponível em:  
<<http://www.xamba.com.br/>> Acesso em: 22 de setembro de 2009

Depoimentos Oraís:

COSTA, Manoel Nascimento da. Entrevistado por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 13-01-2010.

ROSA, Hildo Leal da. Entrevistado por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 24-01-2010.

SILVA, Adeildo Paraíso da. Entrevistado por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 24-07-2010